



SOBRE UMA HISTORIA DO CEARÁ.

POR

CAPISTRANO DE ABREU

O Ceará é dos Estados do Norte, quiçá de todos da União, o que com mais affeição se entrega ao estudo das suas coisas passadas. Talvez por não ter propriamente historia, isto é, faltarem-lhe factos estrondosos que chamam e fixam a attenção, nada mais deixando vêr além, como as guerras hespanholas no Rio Grande do Sul, as invasões francezas no Rio de Janeiro, as revoluções pernambucanas, o longo duello com os Jesuitas a proposito de Indios no Maranhão e Amazonas.

Os estudiosos de annaes cearenses, encontrando poucos episodios dramaticos, recolheram pequenos factos que os annalistas de outros estados communmente desdenham: concessões de sesmarias, fundações de capellas, installações de freguezias, etc. Così no mesmo tempo surgiram quatro historias independentes umas das outras, escriptas de lugares differentes, e redadas sobre materiaes diversos: Pompeu escreveu na Fortaleza, Alencar Araújo no Recife, João Brígido no Crato, Théberge no Icó, os dois primeiros aproveitando sobretudo archivos, os dois ultimos saturando-se de tradições populares que encontraram e colheram vivazes.

A esta primeira geração, que floresceu pela éra de 60, succedeu outra, cerca de 20 annos mais tarde. Nas

Dactyls e factis pro a historia do Ceará, que acaba de publicar. o Dr. Guilherme Studart cita o nome de seis, que mesmo na Fortaleza estão ainda trabalhando. Deve haver mais. Estes, achando traçadas as grandes linhas, entregaram-se ás investigações intensivas; a *Revista do Instituto*, que já conta nove volumes, é precioso repositório para a geographia e a historia antiga e moderna do Ceará e ás vezes dos estados visinhos.

Dos socios do Instituto nem um se avanta ao Dr. Studart em dedicacão á historia do torrão natal. Os outros cultivam-na nas horas vagas; elle abandonou tudo para entregar-se a ella. Pesquisas aturadas, viagens áquem e além mar, copias dispendiosissimas quando elle proprio não as pôde extrahir, a montagem de uma officina typographica para impressão de seus escriptos, ainda não esgotam a lista de tudo quanto tem feito. Suas monographias historicas elevam-se ao numero de vinte e cinco, e a ultima tem 525 paginas, formato 8.º

«Ahi tem o leitor o resultado de alguns annos de trabalho. E' o primeiro volume do meu *Resumo Chronologico*. Nelle busquei consignar a verdade rigorosa dos factos e das dactás da chronica cearense, melhor estudados hoje, graças aos documentos encontrados, e pois tive de fazer correccões a escriptos alheios e aos meus proprios... Em outros volumes, que a este se seguirão, estudarei o Ceará Provincia e o Ceará Estado.» Por estes termos apresenta o autor seu novo livro.

E' com effeito o resultado de muitos annos de esforço indefesso e de investigações conscienciosas, e por isso desde logo se nota a segurança, a precisão e a abundancia de informações. A's vezes o leitor não concordará com o autor na interpretação de um documento, reconhecendo embora que é possível a que elle dá. Outros sentirá um movimento de impaciencia, lendo por ex., pag. 109, que a 31 de janeiro de 1698 foi expedida uma carta régia sobre os Indios da capitania de Pernambuco, sem nada vêr quanto ao conteúdo da carta régia, que unicamente poderia interessar-lhe. Outras acode-lhe a suspeita que certos factos foram omittidos ou pelo

menos encurtados, por outros os haverem anteriormente estudado. Tudo isso não passa de ligeiras manchas num livro em que datas e factos contam-se por milhares e as descobertas e novidades contam-se ás centenas. O peor de tudo é a falta de um indice, ao menos das coisas mais importantes, de quadros synopticos siquer dos capitães-móres, etc., que torna difficil qualquer consulta prompta e é tanto mais sensivel quanto a fórma de ephemerides, preferida pelo autor, é o que se pôde imaginar de menos racional e connexo.

Dito isto, podemos, guiados pelo saber e esforço do Dr. Studart, passar uma vista pelos factos que accumulou.

I

Apenas Portugal teve idéa da topographia de seus dominios americanos, traçou-lhes por limites o Amazonas e o Prata, e na realisação deste programma nem um momento espediçou durante tres seculos. « Os limites não são linhas ou paredes simples, mas os instrumentos cheios de vida de um dos mais grandiosos phenomenos vitaes que a terra conhece... São um orgão peripherico do organismo do estado... E' da natureza deste corpo, pelo facto de ser organico, romper as bandeiras inorganicas dos limites politicos, si assim o exige sua actividade vital.» (1)

A actividade vital exigiu-o, e por isso na America do Sul o tratado de Tordesillas e os que seguiram sempre foram letra morta. A união de Portugal a Hespanha facilitou os planos dos Portuguezes, porque pôde adiar-se para mais tarde a questão do Prata, e tratar sem demora do Amazonas.

Em 1580 a colonizaçãõ alcançava pouco adiante de Itamaracá, em 1586 já affirmava-se na Parahyba, em 1597 começava no Rio Grande do Norte: o Ceará não

(1) Fr. Ratzel, *Der Staat und sein Boden geographische betrachtet*, 6 26 (Leipzig, 1896).

podia continuar immune por muito tempo na marcha accelerada para o rio-mar.

Em 1603, Pero Coelho parte da Parahyba, desembarca em plagas cearenses, mas em pouco é obrigado a retirar-se vencido e arruinado. Não são mais felizes os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira em sua tentativa de 1607. Enfim Martin Soares Moreno, companheiro de Pero Coelho, conhecedor da lingua dos Indios, nomeado capitão-mór do Rio Grande do Norte, consegue as sympathias dos indigenas vizinhos, e improvisa um fortim, principio de colonização da capitania, a que seu nome conserva-se indissolvelmente associado.

Ignora-se o anno exacto do estabelecimento de Martin Soares Moreno; o de 1610, que em geral se dá, é aproximadamente certo. Em 1613 o fundador do Ceará é mandado ao Maranhão a colher informações sobre o estado da terra e os estrangeiros que a estão occupando; em 1615 J. de Albuquerque e Alexandre de Moura assentam o poder portuguez no Maranhão em bases solidas, expulsando de uma vez os francezes; começa-se Belém do Pará em 1616. Duas datas patenteiam a rapidez com que foi occupado o Amazonas: em 1637 foi doada a Bento Maciel Parente a capitania do cabo do Norte, de que ainda hoje os francezes nos querem espoliar; no mesmo anno deu-se a memoravel viagem de Pedro Teixeira, Amazonas acima, até além dos limites com o actual Ecuador.

Com a occupação do Amazonas, perdeu o Ceará o pouco valor que lhe reconheciam. Não era mais base de operação; convinha apenas conservar alguns fortins por causa da navegação perigosa daquelle trecho do litoral; houve até a idéa de evacual-o; annexo ao estado do Maranhão, logo que este foi creado, não podia communicar-se com elle durante parte do anno, por causa dos ventos que sopram numa só direcção; pelo mesmo motivo não podia communicar-se com Pernambuco, noutra temporada.

Martin Soares Moreno, que até a invasão hollandeza, synthetiza e symboliza toda a historia daquelle região,

podia continuar immune por muito tempo na marcha accelerada para o rio-mar.

Em 1603, Pero Coelho parte da Parahyba, desembarca em plagas cearenses, mas em pouco é obrigado a retirar-se vencido e arruinado. Não são mais felizes os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira em sua tentativa de 1607. Enfim Martin Soares Moreno, companheiro de Pero Coelho, conhecedor da lingua dos Indios, nomeado capitão-mór do Rio Grande do Norte, consegue as sympathias dos indigenas vizinhos, e improvisa um fortim, principio de colonização da capitania, a que seu nome conserva-se indissolavelmente associado.

Ignora-se o anno exacto do estabelecimento de Martin Soares Moreno; o de 1610, que em geral se dá, é aproximadamente certo. Em 1613 o fundador do Ceará é mandado ao Maranhão a colher informações sobre o estado da terra e os estrangeiros que a estão occupando; em 1615 J. de Albuquerque e Alexandre de Moura assentam o poder portuguez no Maranhão em bases solidas, expulsando de uma vez os francezes; começa-se Belém do Pará em 1616. Duas datas patenteiam a rapidez com que foi occupado o Amazonas: em 1637 foi doada a Bento Maciel Parente a capitania do cabo do Norte, de que ainda hoje os francezes nos querem espoliar; no mesmo anno deu-se a memoravel viagem de Pedro Teixeira, Amazonas acima, até além dos limites com o actual Ecuador.

Com a occupação do Amazonas, perdeu o Ceará o pouco valor que lhe reconheciam. Não era mais base de operação; convinha apenas conservar alguns fortins por causa da navegação perigosa daquelle trecho do litoral; houve até a idéa de evacual-o; annexo ao estado do Maranhão, logo que este foi creado, não podia communicar-se com elle durante parte do anno, por causa dos ventos que sopram numa só direcção; pelo mesmo motivo não podia communicar-se com Pernambuco, noutra temporada.

Martin Soares Moreno, que até a invasão hollandeza, synthetiza e symboliza toda a historia daquelle região,

obteve concessões de terras, nas quaes pretendia plantar canna e levantar engenho. Parece que desde logo tratou-se de criar gado. Os generos de commercio eram ambar, pau violete, talvez algodão. Fallava-se vagamente que existiam minas abundantes.

Sabendo da presença dos hollandezes em Pernambuco, os indios, com quem já não estava Martim Soares Moreno, chamado a outros combates mais sanguinolentos, convidaram-nos a vir tomar conta da terra. Os hollandezes accederam ao convite, sem difficuldade esmagaram a pouca resistencia que os affrontou e com ligeiras interrupções até a capitulação de Taborda, em 1654, conservaram seu dominio. Ainda hoje no Ceará é vivaz a lembrança dos flamengos. Letreiros, pedras de sino, marcos apagados pelo tempo, de tudo a imaginação lhes attribue a autoria, aliás sem razão: o maior serviço que prestaram consistiu em trafegarem as salinas do Cocó ou Pajchú, nas immedições da Fortaleza.

Depois de vencidos os hollandezes, foi o Ceará incorporado a Pernambuco, sem grande proveito. A zonã da marinha, sem propriamente ser infensa á criação de gados, era mais propria á cultura de cereaes, que difficilmente poderia prosperar com a população diminuta. Grande acontecimento considerava-se a chegada clandestina de navio estrangeiro com que se podia fazer algum contrabando, de que os proprios capitães-móres participavam. As raras embarcações que vinham de Pernambuco escassa animação traziam, porque a pouco mais prestavam-se que ao transporte da mísera guarnição, cujos soldos os capitães-móres tinham o cuidado de pagar em generos.

Em agosto de 1696 escrevia Pedro Lelon, capitão-mór, que no principio só havia gentio domestico e soldados da guarnição da fortaleza; que agora já havia mais de 200 moradores, o que tornava necessario ministros e officiaes, que lhes decidissem as duvidas e sentenciassem as causas (*Stuart*, 106); o mesmo capitão-mór informava pelo mesmo tempo que o povo daquella capitania não tinha matriz, nem curato, nem mais igreja.

fóra das aldeás que a capella da fortaleza, na qual o capellão fazia o officio de vigario. (*Stuart*, 115.)

Em 1700 é creada a primeira villa da capitania, antes em desvantagem della, já pelas continuas transferencias à que andou sujeita, de Iguape para a barra do Ceará, desta para Aquiraz, de Aquiraz para Fortaleza, já pelos germens de odio que disseminou entre a população, até que em 1725 o governo portuguez resolveu que houvesse duas villas: a de Aquiraz e a de Fortaleza.

Emquanto isto se notava na marinha, ia o sertão sendo povoado. Entre o Parnaíba, o Tocantins e o S. Francisco corre uma serie de serranias, geralmente de mediocre altitude, de cimo quasi horisontal, de faldas ferteis, apresentando depressões mais ou menos consideraveis a que o povo chama boqueirões. Por estas serras, que entre outros nomes locais tem as de Carirys, Borborema, Dois Irmãos, chapada das Mangabeiras, através dos boqueirões, especialmente na região limitada pela curva que o S. Francisco descreve entre o Pontal e o Pajehú e que tem por centro Cabrobó, passou quasi toda a população dos sertões do Norte e com ella a primeira estrada que ligou a Bahia ao Maranhão.

Geographicamente esta região pertence em grande parte a Pernambuco, mas a historia prende-a á Bahia. Foram Bahianos que, procurando terrenos apropriados á criação de gado, passaram a serra do Espinhaço, e, favorecidos pelas catingas decíduas, chegaram ao rio S. Francisco, esportaram todos os vistosos rios seccos que retalham Pernambuco, Parnaíba, Rio Grande do Norte, Ceará, chegando á grande bacia do Parnaíba. E como esta desde a éra de 1670 fôra explorada por Vital Masciá Parente, e conhecia-se que no lugar onde agora existe Caxias o Itapicuru e o Parnaíba ficavam a pequena distancia, e não se encontravam obstaculos á navegação do Itapicuru até sua foz na Bahia de S. José, a E. da ilha de Maranhão, deu-se mais um passo no programma geographico da dominação do Amazonas. Os vaqueiros obscuros, os mocambeiros, os capitães de estrada traduziram em fórmulas rijas e mais duradouras o

pensamento que além do cabo do S. Roque impellira Pero Coelho, Francisco Pinto e Luiz Figueira, Martim Soares Moreno, Jeronymo de Albuquerque e Alexandre de Moura.

« Duas coisas difficultam ao Maranhão o commercio com o Brasil, escrevia em 1693 o padre João de Souza Ferreira, autor da *America abreviada*: primeira não terem fretes, com que voltem, segundo ventos e aguas pouco favoraveis, excepto de maio até agosto, em que ha bons terraes, mas rompendo-se a primeira se facilitaria a segunda. » (1)

A nova estrada, zombando dos ventos e correntes, resolvia o problema das communicações pela unica maneira efficaz antes da descoberta a navegação a vapor; resolvia-o ainda por outro modo, proporecionando logo fretes, isto é, movimento, vida e animação, como adiante se verá.

Ao mesmo tempo que assim lançava-se um novo grilhão ao Amazonas, a actividade vital, que leva á ruptura dos limites politicos inorganicos em favor dos limites naturaes, atirava os portuguezes ao Prata, onde se fundava a colonia do Sacramento, de tão dramatica memoria.

II

Fôra grave omissão calar que tambem os Paulistas concorreram para o povoamento do Ceará. Cançados da vida alcatoria de bandeirantes, tinham-se transformado no correr do seculo XVII em conquistadores, isto é, organizaram-se em partidas obedientes a um chefe, o qual contratava com o governo pacificar uma região determinada, recebendo em paga parte dos prisioneiros, feitos ou terrenos que ficavam devolutos, ou postos, pensões e commendas. Dois destes conquistadores podem servir de exemplo: Estevam Ribeiro Bayão Parente, que pacificou os sertões do Paraguassú e Ilhéos onde a

(1) *B. B. Inst. Hist.*, I, 34 (Rio 1894).

obscura e decadente villa de João Amaro, nome de seu filho, vagamente conserva a sua memoria, e Domingos Jorge, que derrocou o poder quasi secular dos negros dos Palmares.

Os dois conquistadores mais conhecidos que estiveram no Ceará foram Mathias Cardoso, algum tempo companheiro de Fernão Dias Paes, na jornada das esmeraldas, de que decorreu o conhecimento das riquezas auríferas de Minas Geraes, e Moraes Navarro.

Saiam de S. Paulo, beirando o Parahyba até Lorena ou Cruzeiro, onde transpunham a serra da Mantiqueira, e contornando as aguas do alto Paraná, procuravam as do S. Francisco, que seguiam até seu destino. Os que chegaram por este caminho ao Ceará provavelmente acostaram-se ao Pajehú, de onde, transposta a Borborema, rendidos os indios do Piancó, Seridó e outros afluentes do Piranhas, passaram-se ás aguas do baixo Jaguaribe. Por ahi corre até nossos dias um dos caminhos que ligam Ceará a Pernambuco.

Findo o seculo XVII, estava todo Ceará devassado, os indios uns reduzidos a aldeias, outros vivendo em paz, ao lado dos colonos. A criação de gados era a principal occupação dos habitantes; a agricultura rudimentar reduzia-se a produção dos generos de consumo local, pois outros não pagariam as despezas de transporte.

O facto de uma colonia ser ou não pastoril traz uma serie de consequencias a que até hoje não se tem attendido devidamente; apenas as indicou o autor do *Roteiro do Maranhão a Goyaz pela Capitania do Piahy*, livro cujo titulo não dá idéa das vastas questões que debate, impresso apenas em 1814 no rarissimo jornal *Patriota*, e por isso pouco menos que inedito.

O autor desconhecido, que devo ser João Pereira Caldas, successivamente governador do Piahy, do Maranhão, do Pará e do Mato-Grosso, era um admiravel conhecedor dos sertões pastoris e póde dizer-se que nos dá a philosophia do gado e dos vaqueiros.

A criação do gado influe sobre o modo por que se fórma a população. « Nos sertões da Bahia, Pernambuco

e Ceará, diz elle, principalmente pelas vizinhanças da rio de S. Francisco, abundam mulatos, mestiços e pretos forros (devia acrescentar indios mais ou menos mansos). Esta gente perversa, ociosa e inutil pela aversão que tem ao trabalho da agricultura, é muito differente empregada nas fazendas de gado. Tem a este exercicio uma tal inclinação que procura com empenho ser nelle occupada, constituindo toda a sua maior felicidade em merecer algum dia o nome de vaqueiro.»

Os terrenos próprios á criação do gado são aquelles que mais depressa se povoam, demonstra Pereira Caldas. «Não ha nelles aquelle horroroso trabalho de deitar grossas matas abaixo e romper as terras á força de braço, como succede nos engenhos do Brazil, nas roças das Minas e por este mesmo estado do Pará e do Maranhão, na cultura dos seus generos. Nelles pouco se muda a superficie da terra, tudo se conserva quasi no primeiro estado; levantada uma casa, coberta pela maior parte de palha, estão povoadas tres legoas de terra.»

Lembra-nos elle ainda, que, sendo os vaqueiros pagos, não em dinheiro, mas em gado (de 4 bezerros l, como ainda hoje se usa em muitos pontos) de uma só fazenda formam-se outras em pouco tempo; mas ao presente assumpto só aproveita mais uma citação: «Os gados que criam as outras capitánias e povoações do interior *não necessitam de quem os carregue*; elles são sós os que sentem nas longas marchas todo o peso de seu corpo, e apenas se faz necessario que haja quem os encaminhe.» Em outros termos, equivale isto ao que foi dito acima: ao contrario da via marítima, o caminho terrestre da Bahia ao Maranhão trazia logo consigo o frete e o meio de transporte.

No regimen pastoril do Ceará percebem-se facilmente duas phases. A primeira caracteriza-se pelo absentismo, isto é: homens ricos, moradores em outras capitánias, requerem e obtêm sesmarias para onde mandaram vaqueiros com algumas sementes de gado; elles, porém, em geral bahianos, não visitam suas propriedades, contentes com o emboço do preço das boiadas. Na se-

gunda phase os fazendeiros vão se estabelecer em suas terras, ou porque o avultado dos interesses exija sua presença, ou por incital-os o espirito de liberdade que, segundo o illustre Martius, (1) foi o propulsor do povoamento dos sertões do Norte, ao contrario dos do Sul, em que a ambição de lucro foi a grande alavanca.

Apresenta-se então novo problema: que receberão agora os fazendeiros, domiciliados no interior do Ceará, em troco de suas boiadas? Evidentemente só generos de valor, que não se estraguem facilmente, que não occupem muito espaço ou se transportem por si: «nos miseros escravos, lembra Pereira Caldas, dá-se a mesma razão que se acaba de ponderar nos gados», isto é: «elles são só os que sentem nas longas marchas todo o peso de seu corpo, e apenas se faz necessario que haja quem os caminhe.»

Explica-nos isto a apparente anomalia de no Ceará ter havido mais escravos no sertão, onde não havia agricultura, do que no agreste da marinha, e o luxo desconnexo de que se encontram ainda noticias ou vestigios vagos, de fazendas finas, baéias de prata, collares de ouro medidos á vara, etc., em casas que agora são verdadeiras tapéras.

Entre os fazendeiros, cada qual querendo mostrar-se mais rico e ostentar maior luxo, a paz não podia durar muito tempo e não durou. E' celebre a longa luta que houve entre as duas familias de Montes e Feitozas; é conhecido o duello entre os Ferros e Aços; e na memoria popular conservam-se muitas outras noticias congeneres que devem ser apauhadas antes que o tempo as haja de todo delido.

O periodo destas lutas póde aproximadamente fixar-se entre 1730 e 1750. Depois veio a decadencia. A secca foi uma grande rasoira, que em poucos mezes desbaratava as maiores fortunas. O gado desenvolvendo-se, em circumstancias normaes, de modo espantoso, foi chegando quasi até a marinha. Os fazendeiros, que a principio só

(1) Martius, *Reise in Brasilien*, Munich, 1828.

faziam remessa para a Bahia, dirigiram-se depois para o Recife, e até para o Aracaty e Fortaleza. Caminhos ligaram o sertão e o littoral, appareceram autoridades que não recuavam ante os arreganhos dos potentados, com os meios de acção efficazes que o progresso ia proporcionando.

A marinha a primeira vista era o scenario acanhado de lutas ridiculas entre capitaes-móres e camaras, ouvidores e governadores, vigarios e freguezes. De tudo isto dá-nos conta minuciosa o Dr. Studart, e faz muito bem, porque esta é a verdadeira historia, real e quotidiana, pouco heroica de certo mas profundamente humana; entretanto, no meio destes sobressaltos e apesar do fervilhar das intrigas, a marinha ia se desenvolvendo. A expulsão dos jezuitas deixara os indios aldeados sem protecção, e como suas aldêas occupavam sempre terrenos fertes e escolhidos por pessoas experientes, constituiram objecto de cobiça, e foram occupadas por homens sem escrúpulo que ahi estabeleceram lavoura propria. Talvez primitivamente no Aracaty, tiveram a idéa de exportar para Pernambuco e outros lugares carne secca ou xarque, ainda hoje chamada carne do Ceará, no Norte. Por fim o Ceará poude commerciar directamente com Portugal e foi declarado capitania independente de Pernambuco.

O livro de Guilherme Studart alcança ao reconhecimento da independencia no Ceará. Tão longe não irá o nosso passeio; ficará o mais para os volumes que faltam, tratando do Ceará provincia e do Ceará estado.

Póde-se desde já antecipar que grande parte delles será preenchido pela luta entre a marinha e o sertão. E este é um facto commum a todas antigas capitancias, occupadas na criação do gado, e povoadas por gentes idas do rio S. Francisco, isto é, do interior para o littoral. Talvez Parahybá e Rio Grande do Norte constituam excepção, devido á sua menor extensão territorial, ou á maior facilidade de repressão. Em Piahy, o sertão foi vencido só depois de mudada a capital de Oeiras para Therezina e regularizada a navegação do Parahyba. Na

Bahia, ainda em 1875 discutia-se a conveniencia de constituir em provincia separada os terrenos marginaes do S. Francisco. Em Pernambuco muito deram que fazer Pajehú de Flores e adjacências.

Como no Ceará o sertão investiu contra o littoral, chegando a dominal-o na Confederação do Equador; como o littoral resistiu ao sertão e por fim domou-o; como estes dois elementos unidos se amalgamaram e conciliaram, formando hoje uma população homogénea e entusiasta de sua terra, é a historia que nos contará Studart, velho amigo e companheiro de collegio, com quem um momento imagino-me transportado ás terras dos verdes mares, «verdes mares que brilhaes como liquida esmeralda aos raios do sol nascénte, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros.»

(Da *Revista Brasileira.*)

